

JESUS E A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO



“E [Jesus] achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados. E, tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, bem como os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas, e disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas.” (João 2:14-16)

O retrato mais próximo do que estava acontecendo no contexto da passagem bíblica acima é imaginar um mercado de gado dentro da igreja mais próxima. Na ocasião, o comércio de animais (que normalmente ocorria no monte das Oliveiras) estava acontecendo no pátio externo do templo. O negócio havia sido permitido porque os que vendiam tinham que pagar aos sacerdotes o espaço locado. Um peregrino que não tivesse trazido os seus animais de sacrifícios consigo estava completamente à mercê desses comerciantes.

Uma das ações preditas acerca do Messias no

Antigo Testamento era a purificação do culto no templo:

*“Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e, **de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais**, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque **ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros**. E assentar-se-á, afinando e purificando a prata; e purificará os filhos de Levi e os afinará como ouro e como prata; então, ao Senhor trarão ofertas em justiça.” (Malaquias 3:1-3)*

A atitude de Jesus no templo, ao expulsar os comerciantes, remete ao cumprimento dessa profecia¹. No pátio externo do templo (o “pátio dos gentios”²), ele descobriu que as autoridades dos judeus tinham montado barracas de comércio, onde se vendiam vinho, azeite, sal e diversos animais

¹ Além da passagem bíblica de Malaquias 3:1-3, os que presenciaram a cena talvez se lembraram da passagem bíblica em Zacarias 14:21 (em que “cananeu” significa “mercador”).

² **Pátio dos gentios.** Era a parte mais exterior do templo e o único local onde era permitida a entrada de pessoas comuns, gentios que criam em Deus. Fora reservado pelo Senhor exclusivamente para os “gentios” (termo usado para designar coletivamente os povos e nações distintos do povo Israelita). Este pátio segundo a visão divina era para amparar o estrangeiro, e dar a ele um lugar para adoração, para dar a ele a chance de conhecer e sentir Yahweh o Deus dos judeus, o Deus da salvação.

(inclusive pombas), tudo que era necessário para o ritual dos sacrifícios praticados especialmente pelos adoradores que viajavam longas distâncias para Jerusalém e não tinham animais para o sacrifício. Estava implícito que os comerciantes eram culpados de obter lucro com essas transações (cf. Marcos 11:17b), pois eles, em conluio com os sacerdotes, cobravam altos preços pelos animais utilizados nos sacrifícios³.

Sentados nas dependências do pátio do templo estavam cambistas que trocavam as moedas grega e romana pela moeda de Tiro para os peregrinos judaicos da Dispersão a fim de que eles pudessem pagar o imposto do templo de meio siclo por ano, exigido de cada homem judeu (cf. Êxodo 30:11-16; Mateus 17:24), e que tinha de ser pago – por insistência dos sumos sacerdotes – na moeda corrente de Tiro (única moeda aceita no templo, pois não tinha as estampas odiadas de imperadores romanos e de deuses pagãos). A estes homens de negócio era permitido cobrar uma taxa de 1/24 do valor de qualquer dinheiro trocado, para cobrir o custo da fabricação da moeda⁴. Porém, esses cambistas estavam praticando taxas de câmbio abusivas.

Outro abuso que estava sendo cometido no pátio externo era o de pessoas carregadas com mercadorias trazidas do monte das Oliveiras, que, em vez de darem a volta por esses recintos sagrados, pegavam um atalho e passavam pelo meio deles (cf. Marcos 11:16).⁵

Jesus interrompeu todas essas atividades. Ele expulsa do templo aqueles que estão transformando a casa de Deus em um mero lugar de auto enriquecimento, que, como os ladrões da estrada de Jericó, têm um santuário no qual podem se refugiar com seus saques após um saque.

A atitude de Jesus fez com que os discípulos dele se lembrassem das palavras do salmista Davi que escreveu: *“Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim.”* (Salmo 69:9).

O templo representava o lugar de adoração para o judeu, o lugar aonde ia levar a sua oferta em sacrifício pelo pecado, onde deveria ser purificado de suas culpas. O ataque violento de Jesus a todos os envolvidos (tanto compradores quanto vendedores) expressava sua convicção de que o templo já não estava cumprindo a finalidade para a qual fora construído⁶.

³ Textos judaicos fazem menção de que a família dos sumo sacerdotes que dominaram no século I era desprezada pelo povo por sua desonestidade e ganância.

⁴ RICHARDS, Lawrence O.. *Comentário histórico-cultural do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 120 p.

⁵ BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2009. 1624, 1713-1714 p.

⁶ CARSON, D. A.; FRANCE, R.T.; MOTYER, J. A. & WENHAM, G.J.. *Comentário Bíblico Vida Nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes [et al.]. São Paulo: Vida Nova, 2009. 1400, 1549 p.

Quando Jesus chegou ao pátio do templo ele percebeu que ali era impossível adorar, pois o pátio tinha sido transformado em uma típica feira-livre, com compradores, vendedores e barracas espalhados por toda a parte. Em certo sentido, tudo isso estava a serviço dos adoradores, mas o barulho e a agitação tornavam o culto de adoração impossível. Os mercadores atendiam as necessidades dos fiéis e peregrinos, como uma loja atual de suvenires. Jesus, então, devolveu ao templo sua correta utilização, ali ensinando diariamente em meio à oposição crescente das autoridades e à intensa simpatia das multidões.

A expulsão dos animais da área do templo serviu como um ato simbólico. A implicação é a de que os animais não deveriam ter estado no templo (e sim no mercado localizado no monte das Oliveiras), e é nesse sentido que a denúncia da atmosfera do mercado deve ser entendida. O azorrague⁷ foi necessário para controlar os animais, não para infligir qualquer castigo a eles.

Em vez de pessoas piedosas, em busca de um relacionamento sincero e profundo com o Divino, o pátio dos gentios estava ocupado por um variado comércio ali estabelecido, profanando assim, o local que o próprio Jesus considerou santo.

Em sua primeira carta a Igreja em Corinto, o apóstolo Paulo faz o seguinte questionamento aos membros:

“Não sabeis vós que sois santuário [templo] de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”
(1Coríntios 3:16)

Segundo o questionamento de Paulo, nós somos o templo de Deus. E como templo de Deus, o que tem ocupado nosso ser? Digo isso porque o edifício – “templo” – construção de pedras ou tijolos feita pelas mãos dos homens, que representava a presença de Deus, foi destruído na terra; ele jamais foi reconstruído, e não teria mais valor para as gerações futuras em Cristo.

O próprio Jesus tinha predito uma mudança no centro da adoração para os servos de Deus. Eles não mais adorariam num monte em Jerusalém, mas fariam sua adoração nos seus próprios corações:

“Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.” (João 4:23-24)

⁷ **Azorrague.** Do grego, φραγέλλιον (*phragéllion*), significa “acoite ou chicote” usado para a aplicação de flagelo em condenados. O Azorrague era um instrumento de tortura comum na Roma Antiga, usado pelos soldados, para supliciar os condenados. Ele era composto por oito tiras de couro que, em cada ponta, possuía um instrumento pérfuro-cortante, ou um pedaço de osso de carneiro. Tinha seu uso aplicado como pena subsidiária, nalguns casos, onde o condenado à morte deveria ser antes objeto do castigo público. Devido a produzir lesões muito sérias, o uso do azorrague foi abandonado há vários séculos (Wikipédia).

No Novo Testamento, o templo ou Tabernáculo ou casa de oração; é representada pelo corpo de cada cristão que se converte e faz do seu corpo templo do Espírito Santo. Assim como Jesus purificou o templo dos judeus, nós também devemos purificar o templo do Espírito Santo que habita em nós.

Devemos zelar de todas as formas possíveis pelo bem estar do nosso corpo, alma e espírito. Sobre esse assunto o apóstolo Paulo é ainda mais enfático:

“Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.”
(1Coríntios 3:17)

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (1Coríntios 6:19-20)

Embora como casa de Deus, devêssemos estar cheios do Espírito, muitas vezes são os negócios e as coisas do mundo que ocupam o seu lugar. Se continuarmos a nos corromper com erros doutrinários ou com imoralidade pessoal, o templo – nosso corpo – não estará adequado para que Jesus faça dele morada permanente. Precisamos de santidade, precisamos de purificação espiritual. **É a santidade que serve como base da nossa obediência à vontade de Deus.** Precisamos atender ao convite do apóstolo Paulo feito à Igreja em Corinto, mas que se faz extremamente relevante em nosso tempo:

“... Purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.” (2Coríntios 7:1)

Cada cristão deve se enxergar como o templo de Deus. Deus habita em nós, e deve ser glorificado e santificado pela nossa vida. Com essa base, compreendemos o problema do pecado. A nossa desobediência mancha e estraga o santuário de Deus. Um povo santo, o povo que Deus sempre quis, começa comigo e com você! Devemos ser santos, porque Ele é santo (cf. Levítico 20:7; 1Pedro 1:15-16).

Ao fazermos uma interpretação do episódio da purificação do templo para os nossos dias, aprendemos que o texto bíblico não faz alusão à igreja (seja como organismo vivo ou como organização), mas, sim, ao coração do ser humano, que dentro da sua individualidade deve ser apresentado a Deus de forma pura, sincera e sem intenções mesquinhas e egoístas (cf. Romanos 12:1). Esse é o princípio do Evangelho de Cristo propagado no Novo Testamento e predito por Deus, séculos antes, pela boca do profeta Jeremias:

“Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”
(Jeremias 31:33; cf. Hebreus 10:15-17)